

## **A importância do acesso às obras raras**

**Oto Dias Becker Reifschneider\***

### **Resumo**

Parte-se de uma discussão introdutória sobre a identificação de obras raras, para então tratar de sua preservação e acesso, concluindo-se com uma breve reflexão sobre os possíveis benefícios da valorização desse patrimônio precioso, tanto para a comunidade, como para as bibliotecas.

**Palavras-chave:** Livros raros. Obras raras. Preservação. Acesso. Critérios

### **Abstract**

After an introductory discussion on the identification of rare books, the author deals with their preservation and the possibilities of access to them, concluding with some thoughts on the advantages of the valorization of this precious patrimony, both to the community in general and to the libraries specifically.

**Keywords:** Rare books. Preservation. Access. Criteria.

### **Introdução**

Os acervos de obras raras são parte importante do patrimônio histórico-cultural brasileiro. No entanto, seu potencial não é devidamente explorado, nem mesmo reconhecido. Neste breve artigo serão investigadas algumas questões ligadas à problemática das obras raras: o que elas são, para que elas servem, como devem ser preservadas, como podem ser identificadas e como se pode ter acesso a elas.

---

\* Bacharel em História, mestre em Sociologia, doutorando em Ciência da Informação.

## A identificação de obras raras

Os critérios a serem adotados por bibliotecas para que um livro seja caracterizado como obra rara são constantemente discutidos no meio bibliotecário. Algumas boas discussões sobre o tema, como a de Rizio Bruno Sant'Ana, foram feitas nas últimas décadas e podem ser facilmente encontradas em artigos no portal da CAPES. O intuito aqui não é o de estabelecer critérios bem delimitados a serem adotados por bibliotecas, mas de discutir alguns desses critérios de forma crítica e apresentar algumas diretrizes. De modo geral, no entanto, as obras raras possuem uma ou mais características dentre as listadas abaixo (tentaremos exemplificar):

- Vinculação com personagem cultural, histórico ou político: esta vinculação é identificada por marcas de posse (*ex libris*, brasões) anotações (muitas vezes tornando o livro mais valioso do que um exemplar perfeito), dedicatórias e autógrafos;
- Encadernação de luxo, que pode ser assinada pelo encadernador. Ainda está para se fazer um estudo da encadernação no Brasil que, de forma geral, é bastante amadora. No entanto, existiram edições de luxo cuidadosamente encadernadas (como as da Confraria Cattleya Alba, ainda que muitas as julguem de estética duvidosa), ou mesmo colecionadores que mandavam seus livros para mestres encadernadores europeus – muitos dos livros de Alfredo Pujol, por exemplo, foram encadernados por René Kieffer, encadernador e editor de livros de arte francês. Há ainda encadernações exóticas, feitas de couros de cobra (e até mesmo humano, conforme notícia de Eduardo Frieiro) e com pedras preciosas;
- Primeiras edições e últimas edições revistas de obras significativas em suas respectivas áreas. Alguns exemplos são “Sagarana” de Guimarães Rosa, “Historia Geral do Brazil” de Varnhagen (Visconde de Porto Seguro), “As Culturas Negras no Novo Mundo” de Arthur Ramos, “História da Alimentação no Brasil” de Luís da Câmara Cascudo e “O que eu vi o que nós veremos”, de Alberto Santos-Dumont. É importante também a última edição revisada pelo autor que, no caso de “Sagarana”, é a quinta. Variantes também são dignas de nota, como as duas tiragens da segunda edição de “Recordações do escrivo Isaias Caminha”, de Lima Barreto, custeada pelo próprio autor: uma pela tipografia da Revista dos Tribunaes, outra pela A. de Azevedo & Costa Editores;

- Livros renegados pelo autor, que chegam mesmo a recolhê-los e destruí-los (“Porão e sobrado”, publicado por Lygia Fagundes Telles aos quinze anos de idade, cuja republicação a autora nunca permitiria);
- Edições clandestinas e censuradas (tiragens não autorizadas, publicações comunistas nos períodos de ditadura): vários dos primeiros romances de Jorge Amado foram apreendidos e queimados – segundo Lucila Soares “(...) viraram cinzas numa única fogueira, em Salvador, 808 exemplares de Capitães de areia; 223 de Mar morto; 89 de Cacau, 93 de Suor (...)”, assim como o foram diversas outras obras de inúmeros autores (um bom estudo do assunto é “Livros proibidos, idéias malditas” de Maria Luiza Tucci Carneiro). “A Ilusão Americana”, de Eduardo Prado, publicada em 1893 foi apreendida ainda no prelo, e poucos exemplares sobreviveram.
- Fotografias originais (todas, sejam daguerreótipos, de albumina, ou as atuais, necessitam de cuidados específicos), cartões postais antigos, com vistas que não mais existem; desenhos e pinturas de escritores e artistas relevantes (nas bibliotecas providas de um departamento voltado para iconografia, esses itens certamente serão nele melhor acondicionados);
- Manuscritos e trabalhos monográficos originais de personalidades importantes ou de temas relevantes, bem trabalhados: monografias, dissertações e teses. Mesmo que muitas não tenham valor acadêmico, algumas das que têm acabam não sendo publicadas ou, mesmo as que são publicadas, são em geral bastante diferentes dos trabalhos originais, pois a finalidade comercial do que é publicado leva normalmente o autor a revisar seu trabalho, simplificando-o, retirando elementos.
- Tiragens reduzidas; livros publicados por Confrarias e de forma artesanal, mesmo que sem indicação de tiragem, dificilmente são impressos em grande quantidade. Dentre tais empreendimentos, podem ser citados como significativos O Gráfico Amador, Cem Bibliófilos do Brasil, Confraria dos Bibliófilos do Brasil, Hipocampo e Cattleya Alba, dentre outros;
- Aspectos gráficos, tipográficos: ilustrações de artistas de renome, reproduzidas de forma considerada artística (xilogravura - madeira, calcogravura – cobre, litografia - pedra), coloridas à mão; impressão cuidadosa, bem composta. Rubens Borba de Moraes considerava, por exemplo, os “Ensaio sobre a crítica” e os “Ensaio

Morais”, de Alexander Pope, impressos respectivamente em 1810 e 1811, obras-primas tipográficas.

A questão do estabelecimento de uma data específica para a delimitação de uma obra rara é controversa, variando em muito de biblioteca em biblioteca. De acordo com o catálogo de obras raras do Ministério da Justiça, editado em 1981, são obras raras as de autores brasileiros e estrangeiros editados até 1860; A Biblioteca da UFRJ, por exemplo, delimita como raros livros editados o Brasil até 1900, primeiras edições até o final do século XIX e impressões até o século XVIII. Já no Departamento de Obras Raras da biblioteca da UFRGS, são inclusos os impressos no Brasil até 1841 apenas.

O problema de se incluir edições esgotadas como critério classificatório é que praticamente todas as edições no Brasil são esgotadas, já que em geral as edições têm tiragens pequenas (variando normalmente entre mil e três mil exemplares), muitas editoras têm vida efêmera e o número de títulos lançado todo ano é bastante grande. Ademais, o problema da preservação, que será abordado adiante, reduz ainda mais o número de exemplares disponíveis. A questão da tiragem, portanto, não é um critério absoluto para a determinação de raridade de uma obra, pois o simples fato de um livro ser escasso não significa que tenhamos que tê-lo por precioso: existem inúmeras obras sem nenhum relevo nas mais diversas áreas cujas tiragens foram pequenas, sem ser especialmente bem-feitas, e não merecem nenhum tipo de destaque.

Outro critério por vezes citado, mas que deveria ser desconsiderado, são os erros tipográficos. Estes, por si só, não constituem objeto de raridade, pois dificilmente uma obra sai do prelo sem algum erro – razão da onipresença de erratas. Os erros tipográficos a serem considerados são os que geram curiosidades literárias como o do prefácio das “Poesias Completas” de Machado de Assis, de 1902 (no trecho “(...)a tal extremo lhe cegara o juízo(...)” o “e” foi substituído na tipografia por um “a” – podemos apenas imaginar o constrangimento do autor).

Além das obras que são, ou deveriam ser, consideradas raras em qualquer biblioteca, há as que são de interesse mais restrito. O que deve ser guardado como obra rara em cada biblioteca dependerá, assim, de onde ela se encontra e de seu propósito. Bibliotecas especializadas terão focos distintos, assim como o contexto regional poderá ser importante na formação de coleções. Em Brasília, são importantes os livros, panfletos e revistas publicados quando de sua inauguração – este, aliás, será um dos focos das Coleções Especiais da Biblioteca Nacional de Brasília. A princípio, eles não se enquadrariam em nenhum dos

critérios acima, pois foram editados em finais dos anos cinquenta, início dos sessenta, mas são escassos e interessam especialmente à comunidade local.

### **A preservação de obras raras**

Por nos encontrarmos em um país que, seja por escassez de recursos, seja por desinformação, são poucos os recursos destinados ao ensino e capacitação profissional, temos de lidar com graves problemas onde profissionais bem formados e constantemente atualizados são requeridos. No caso das obras raras, poucos estão aptos a identificá-las e, mesmo quando já se sabe quais são raras, pouco lhes dão o devido valor ou sabem quais os procedimentos necessários para preservá-las, pois em geral os bibliotecários não recebem o treinamento necessário para tal, fazendo com que apenas alguns poucos interessados prezem pela preservação das obras raras.

Outro grave problema é, portanto, que as obras raras freqüentemente não são encaminhadas para a sua seção, permanecendo no acervo geral ou sendo até descartadas. Ao procurar algumas obras de um importante bibliófilo brasileiro, Solidônio Leite, editadas no início do século XX, com baixa tiragem, não as encontrei – estavam no acervo geral da Biblioteca Central da UnB, e não nas Obras Raras – não é improvável que tenham sido roubadas por alguém que sabia de seu valor, de sua raridade. Colocá-las nas Obras Raras não significaria restringir o acesso, mas preservar algo que dificilmente poderá ser substituído. O desconhecimento leva à não-preservação e, portanto, à indisponibilidade de obras raras a pesquisadores.

Não é incomum verem-se bibliotecários recém-formados, inexperientes, no comando dos núcleos de Obras Raras em bibliotecas públicas, universitárias. Nos EUA, pelo contrário, as vagas em departamentos de obras raras são sempre ocupadas por funcionários especializados. Basta analisar algumas chamadas de currículos para preenchimento de cargos do gênero, disponibilizadas na lista de discussões *online* Exlibris (desde 1991), formada majoritariamente por bibliotecários estadunidenses. Destes é freqüentemente exigido que tenham mestrado, por vezes doutorado, que consigam ler latim, e outra língua além de inglês, e, claro, os salários são condignos às qualificações exigidas. É também pedido que tenham conhecimento do mercado livreiro antiquário, pois as coleções estão sempre em desenvolvimento. Além disso, os bibliotecários responsáveis por coleções especiais, além de bibliotecários de outros setores, são quase sempre os professores de biblioteconomia em suas universidades.

Para o posto de “Curador das Coleções Especiais” da Biblioteca Illinois na Universidade de Urbana-Champaign, por exemplo, anunciado na mencionada lista em 6 de dezembro de 2007, era necessário mestrado em biblioteconomia ou equivalente; uma pós-graduação (mestrado ou doutorado) em literatura moderna, história, cultura ou alguma outra área de especialização que englobasse de 1650 aos dias de hoje; experiência em arquivos, coleções especiais ou bibliotecas de museus; conhecimento de teoria de arquivos e prática com coleções de manuscritos históricos e literários; conhecimento avançado de alguma outra língua européia moderna, só para citar alguns pré-requisitos.

Além desses dois aspectos essenciais para a preservação das obras raras - uma formação adequada dos bibliotecários e a valorização da seção de obras raras - com a conseqüente colocação de profissionais experientes e especialmente instruídos na administração destes departamentos, para a preservação e o restauro de obras raras necessita-se de profissionais especializados, que saibam lidar com as diversas técnicas de desacidificação e reparo de papel. Há não muito tempo, apenas alguns poucos profissionais, com cursos de especialização na Itália, na Espanha, estavam aptos para tais trabalhos. Hoje conspiram para a existência de profissionais capacitados entidades como a Associação Brasileira de Encadernação e Restauro (ABER), que vem prestando importante serviço ao fornecer cursos de higienização de acervo, de costura e de douração entre outros. Toda biblioteca deveria ter ou um pequeno laboratório de conservação e restauro, ou então algum convênio com um centro que pudesse exercer esse tipo de trabalho quando necessário.

Não apenas a preservação material das obras raras, mas também a preservação da imagem e conteúdo de livros, revistas e jornais é de suma importância. Infelizmente, não são todos os materiais que estão em condição de serem preservados, há alguns cuja vida útil cuja vida útil está com os dias inevitavelmente contados. Boa parte das obras dos anos 1920 e 1930, no Brasil, foram impressas em papel de péssima qualidade, ácido e impuro, sendo difícil encontrar um romance brasileiro destas décadas em bom estado de preservação – justamente nestes anos houve a deslanchada do romance regional nordestino (José Lins do Rego e Rachel de Queiroz, entre outros) e do modernismo (Mário e Oswald de Andrade, entre outros). Nestes casos, a solução é digitalizar os conteúdos, da forma mais fidedigna e segura possível, preservando também a formatação primeira das obras, incluindo os elementos estéticos. Por vezes são feitas cópias impressas do conteúdo digitalizado, mas, dependendo do volume, quantidade ou formato do que está sendo digitalizado, isso nem sempre é possível. Além disso, os arquivos digitais não são meios absolutamente seguros para se manter toda a informação existente: a segurança das informações preservadas digitalmente é o mais novo

desafio com o qual temos de lidar hoje. O importante é que haja um empenho crescente na preservação das informações produzidas, que se perdem em ritmo crescente.

### **O acesso às obras raras**

A questão do acesso à obra rara é delicada, já que estamos lidando com algo precioso, muitas vezes único, cuja perda pode ser irreparável. O valor de um livro, seja pelo seu texto, ou mesmo como objeto, está justamente em seu uso, em ser lido, visto, estudado, apreciado. A questão que se coloca é, portanto, como promover acesso às obras raras e preservá-las para que esse acesso seja continuado.

Quando o que nos interessa na obra é principalmente o texto, a disponibilização em meio digital, seja apenas do texto, ou de imagens das páginas, por meio de um *scanner* – reproduzindo assim muitas de suas características físicas – pode suprir toda a demanda em torno daquele objeto, podendo ele ser arquivado em condições ideais para a sua preservação material (com temperatura, umidade e luminosidade controladas). No caso do interesse ser em aspectos materiais do objeto (estudos sobre diversos tipos de costura, por exemplo), quando é inevitável uma avaliação do material em primeira mão, já que a análise de texturas, de cores, não pode ser feita por meio de imagens digitais, o livro deve ser disponibilizado ao pesquisador, que deverá seguir instruções do bibliotecário para danificar o mínimo possível o material, num ambiente controlado.

A Biblioteca do Congresso estadunidense é provavelmente uma das maiores promotoras de digitalizações de obras raras. Em sua página estão disponibilizadas coleções de mapas, manuscritos, fotografias e livros. Dentre elas está a coleção Jay I. Kislak, dedicada às culturas e história das Américas, da qual podemos acessar alguns itens de destaque na exposição *online*, como uma carta do padre dominicano Bartolomeu de Las Casas ao imperador Carlos V, ou gravuras aquareladas das viagens de Francis Drake. Alguns objetos – pois foram também doados repertórios arqueológicos maias e olmecas – podem ser examinados por meio de representações 3D. No Brasil, a Fundação Biblioteca Nacional inaugurou recentemente em seu sítio uma página dedicada à Biblioteca Nacional Digital, com coleções temáticas digitalizadas, tais como a da Guerra do Paraguai e a do Tráfico de Escravos no Brasil. Foram digitalizados também os Anais da Biblioteca Nacional – sua principal publicação, desde seu primeiro número, editado em 1876.

Já como exemplo de acesso ao material raro em primeira mão podemos citar como exemplo a supracitada Biblioteca do Congresso. Ao receber uma obra rara do bibliotecário,

são fornecidos suportes para abrir o livro sem forçar sua costura, seus cadernos, e há sempre um bibliotecário circulando, observando, para que as obras sejam bem tratadas, as regras seguidas (sem comidas ou bebidas no recinto, sem uso de tinta etc). Dependendo do material, devem ser utilizadas luvas e até mesmo máscaras, para proteção não apenas do objeto manuseado, como do usuário.

### **Conclusões**

O livro raro não ocupa ainda no Brasil o papel que lhe cabe: o de encantar as pessoas, promovendo o interesse em aspectos sócio-culturais da história, que ele tão bem ilustra, incentivando a leitura e o estudo. Essa curiosidade despertada pela obra rara pode ser deduzida pelo trecho a seguir de Umberto Eco, noto escritor e bibliófilo, em sua *Lectio Magistralis* na Feira do Livro de Turim, ao comentar sobre a paixão por obras raras: “(...) quando existiam [os livreiros antiquários na Feira], vi grupos escolares inteiros percorrer o seu setor e parar em frente a pequenas vitrines com incunábulo ou outras edições de luxo, e olhar encantados aqueles repertos nunca vistos, aquelas gravuras surpreendentes, aquelas obras-primas de tipografia. Mesmo que não vendessem nem mesmo um livro, a presença do livro antigo neste salão, tão freqüentado por jovens, tem um grande valor educativo, e estou contente que desta vez os antiquários tenham voltado.”<sup>1</sup>

Algumas experiências mostram que há um forte interesse na seara exposta, ainda bastante inexplorada. Os vários livros de Pedro Corrêa do Lago, como o “Documentos & autógrafos brasileiros na coleção Pedro Corrêa do Lago”, com reproduções comentadas de manuscritos, dedicatórias e outros itens raros, tiveram ótima recepção entre o público leitor, assim como as várias reimpressões de “Uma vida entre livros”, do bibliófilo José Mindlin.

O impacto de uma política de promoção e preservação de obras raras poderia ser significativo, caso fosse adotada. Além do aspecto educativo, da preservação do patrimônio, as obras raras podem servir, instrumentalmente, de vitrine para bibliotecas, tanto para atrair a comunidade a quem ela serve, quanto para a captação de recursos destinados à sua manutenção e melhora. Essas mesmas bibliotecas, aliás, tem seu acervo formado – em

---

<sup>1</sup> “(...) quando c'erano, ho visto intere scolaresche percorrere il loro settore e soffermarsi davanti a vetrinette con incunaboli o altre edizioni di pregio, e guardare incantati quei reperti mai visti, quelle incisioni sorprendenti, quei capolavori di tipografia. Anche se non si vendesse un solo libro, la presenza del libro antico in questo salone, così frequentato da giovani, ha un grande valore educativo, e sono lieto che questa volta gli antiquari siano tornati.” (ECO) Tradução do autor.



especial suas obras raras – graças ao esforço de inúmeros bibliófilos, ilustres ou não. Estes colecionadores, aliás, cumprem um papel para o qual as instituições públicas poucas vezes estão capacitadas: o de formar acervos temáticos expressivos.

## Referências

ABER – Associação Brasileira de Encadernação e Restauro. Disponível em:  
<<http://www.aber.org.br/>>.

Biblioteca do Congresso. Disponível em: <<http://www.loc.gov/index.html>>.

Critérios de Obras Raras das Bibliotecas da UFRJ. Disponível em:  
<[http://www.sibi.ufrj.br/catalogo\\_raras.html](http://www.sibi.ufrj.br/catalogo_raras.html)>.

Departamento de Obras Raras – UFRGS. Disponível em:  
<<http://www.biblioteca.ufrgs.br/dor.htm>>.

Arquivo da lista de discussão Exlibris. Disponível em:  
<<http://palimpsest.stanford.edu/byform/mailling-lists/exlibris/>>.

-----, **Obras raras na Biblioteca do Ministério da Justiça**. Série Obras Raras – 1. Brasília, 1981.

Carneiro, Maria Luiza Tucci. **Livros proibidos, idéias malditas**: o Deops e as minorias silenciadas. Estação Liberdade. São Paulo, 1997.

Eco, Umberto. **Umberto Eco, aventure di un bibliofilo**. Dossier Fiera del Libro 2007. Disponível em:  
<[http://www.lastampa.it/web/cmstp/tmplrubriche/Libri/grubrica.asp?ID\\_blog=54&ID\\_articolo=791&ID\\_sezione=81&sezione=>](http://www.lastampa.it/web/cmstp/tmplrubriche/Libri/grubrica.asp?ID_blog=54&ID_articolo=791&ID_sezione=81&sezione=>)> Acesso em 20 jun. 2007.

Friero, Eduardo. **Os livros nossos amigos**. Paulo Bluhm. Belo Horizonte, 1941.

Lago, Pedro Corrêa do. **Documentos & autógrafos brasileiros na coleção Pedro Corrêa do Lago**. Salamandra. Rio de Janeiro, 1997.

Mindlin, José. **Uma vida entre livros**. EdUSP. São Paulo, 1998.

Moraes, Rubens Borba de. **O bibliófilo aprendiz**. Briquet de Lemos/Casa da Palavra. Brasília, 2005.

Nardino, Anelise Tolotti Dias Nardino e Caregnato, Sônia Elisa. **O futuro dos livros do passado**: a biblioteca digital contribuindo na preservação e acesso às obras raras. Em *Questão*, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 381-407, jul./dez. 2005.

Sant'Ana, Rizio Bruno. Critérios para a definição de obras raras. **Online Bibl. Prof. Joel Martins**, Campinas, v.2, n.3 p. 1- 18, jun. 2001. Disponível em: <143.106.58.55/revista/include/getdoc.php?id=610&article=179&mode=pdf>. Acesso em: 20 jun. 2004.

Soares, Lucila. **Rua do Ouvidor 110**: uma história da Livraria José Olympio. José Olympio Editora/ Fundação Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, 2006.